

SEMEC  
Secretaria de  
Educação



**Belém**  
Prefeitura da *noSSa gente*

2023

# CADERNO DE PROPOSTAS DE ALFABETIZAÇÃO PARA JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: desde algumas perspectivas amazônicas



Organizadores  
Miguel de Nazaré Brito Picanço  
Erick do Socorro Moraes Gomes  
Dirceu Bibiano Duarte

EDITORA

**CORDOVIL**  
E-books

## **Organizadores**

*Miguel de Nazaré Brito Picanço  
Erick do Socorro Moraes Gomes  
Dirceu Bibiano Duarte*

# **CADERNO DE PROPOSTAS DE ALFABETIZAÇÃO PARA JOVENS, ADULTOS E IDOSOS:** *desde algumas perspectivas amazônicas*

**SEMEC**

Secretaria de  
**Educação**

---



# **Belém**

Prefeitura da *nossa gente*

2023  
Belém

EDITORA

**CORDOVIL**  
E-books

**Prefeito do Município de Belém**

Edmilson Brito Rodrigues

**Vice-Prefeito do Município de Belém**

Edilson Moura da Silva

**Secretária Municipal de Educação de Belém**

Márcia Mariana Bittencourt Brito

**Diretora Geral**

Araceli Maria Pereira Lemos

**Diretora de Educação**

Jaqueline do Nascimento Rodrigues Pinto

**Diretor Administrativo**

Laurimar de Matos Farias

**Coordenadora da Educação de Jovens,  
Adultos e Idosos**

Miguel de Nazaré Brito Picanço

**Equipe Pedagógica da COEJAI**

Advaldo de Castro Neto

Ângela Maria Melo Pantoja

Carlos Thiago Viégas Espíndola

Carmen Elenilde Lopes das Neves

Celso Silva de Oliveira

Daniele Rodrigues de Souza

Dirceu Bibiano Duarte

Erick do Socorro Moraes Gomes

Fernando Augusto Cardoso Junior

José Messiano Trindade Ramos

Liliane Barros Fiúza de Mello Cassiano

Maria do Socorro Dantas da Cunha

Miguel de Nazaré Brito Picanço

Nilza Alves Braga

Raimundo Otávio Ferreira Castro

Regina Calandrine

Rosenilda de Fátima Moreira Rodrigues

Yandala Amaral Damasceno da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Belém (PA). Prefeitura. Secretaria Municipal de Educação  
Caderno de propostas de alfabetização para jovens, adultos e idosos [livro eletrônico] : desde algumas perspectivas amazônicas / Prefeitura do município de Belém ; [organização Miguel de Nazaré Brito Picanço, Erick do Socorro Moraes Gomes, Dirceu Bibiano Duarte].-- 1. ed. -- Belém, PA : Editora Cordovil E-books, 2023. PDF.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-88086-22-3

1. Alfabetização 2. Educação de Jovens e Adultos 3. Prática pedagógica  
I. Picanço, Miguel de Nazaré Brito. II. Gomes, Erick do Socorro Moraes.  
III. Duarte, Dirceu Bibiano. IV. Título.

23-141 986

CDD – 374. 0124

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Alfabetização : Educação de jovens e adultos  
374.0124

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# *Sumário*

## *Apresentação*

**4**

### ***1- TECENDO DIÁLOGOS SOBRE HISTÓRIAS DE VIDA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS***

Erick do Socorro Moraes Gomes

**5**

### ***2 - CANTANDO E ALFABETIZANDO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS***

Erick do Socorro Moraes Gomes  
Rosenilda de Fátima Moreira Rodrigues  
Yandala Amaral Damasceno

**25**

### ***3 – ALFABETIZAÇÃO À MESA***

Miguel de Nazaré Brito Picanço

**50**

## *Referências*

**68**

# APRESENTAÇÃO

**Transformarmos Belém em uma cidade alfabetizada**, inclusiva, leitora e educadora é necessário e urgente para superarmos o analfabetismo e assim garantirmos o direito à educação a jovens, adultos e idosos a partir da implementação do Programa Alfabetiza Belém, como uma política pública da Educação de Jovens, Adultos e Idosos na Prefeitura da Nossa Gente.

Então, para a construção coletiva de Belém como um território livre do analfabetismo, a Secretaria Municipal de Educação de Belém concebe a formação inicial e permanente dos(as) alfabetizadores(as), coordenadores(as) de turma e educadores(as) da Educação Especial e Inclusiva como imprescindível para a efetivação da práxis educativa inspirada na concepção da Educação Popular Freiriana que valoriza a territorialidade amazônica, os modos de vida, os saberes, as práticas, as histórias de vida e as experiências de cada alfabetizando(a) como elementos identitários do Currículo da Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

Nesse sentido, a concepção de alfabetização no Programa Alfabetiza Belém não se resume apenas à apropriação do código de leitura e escrita, mas a mesma se ressignifica quando valoriza-se os conhecimentos, os saberes, as práticas, as histórias de vida, as leituras de mundo e do contexto social, político, econômico, cultural, identitário e das experiências de vida dos(as) alfabetizandos(as), desenvolvendo desse modo um processo de alfabetização de maneira contextualizada e dando sentido à vida dos(as) educandos(as).

Dessa forma, as propostas de alfabetização sugeridas neste caderno apontam possibilidades e pistas metodológicas que podem ser trabalhadas com os(as) alfabetizandos(as) do Programa Alfabetiza Belém e envolvendo a oralidade, a leitura e a escrita de maneira contextualizada e interdisciplinar.

Para tanto, as propostas de alfabetização sugeridas são: Tecendo histórias de vida na Educação de Jovens, Adultos e Idosos; Cantando e alfabetizando na EJA e Alfabetização à mesa.

**Erick do Socorro Moraes Gomes**  
**COEJAI/DIED/SEMEC**

1

***TECENDO DIÁLOGOS SOBRE  
HISTÓRIAS DE VIDA NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS***

***Prof. Esp. Erick do Socorro Moraes Gomes***

*O que um educador pode deixar como legado?  
Em primeiro lugar, pode deixar uma vida, uma biografia.  
E Paulo nos encantou, em vida, com sua ternura, doçura, carisma e  
coerência, compromisso e seriedade.  
Suas palavras e ações foram de luta por um mundo “menos feio, malvado e  
desumano”.  
Ao lado do amor e da esperança, ele também nos deixa um legado de  
indignação diante da injustiça.  
(GADOTTI, 2001, p. 52).*

**A PROPOSTA POLÍTICO-PEDAGÓGICA** desenvolvida no Programa Alfabetiza Belém fundamenta-se numa concepção crítica e dialógica de educação, a qual possibilita que educadores(as) teorizem sobre a práxis e se percebam como sujeitos históricos de transformação, capazes de construir uma reflexão crítica e coletiva, comprometendo-se em tomar atitudes de mudança em relação ao cotidiano dos espaços educativos.

Nesse processo, o referido programa apresenta como um dos eixos de discussão a importância da formação do educador–pesquisador, uma vez que segundo Freire (2001, p.32) “faz parte da natureza, da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa”. A pesquisa precisa ser uma constante no trabalho político-pedagógico, pois, enquanto produção de conhecimento permite o repensar da práxis educativa. Assim, é importante que, segundo Freire (2001, p.32) “em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador”.

Partindo dessa concepção, reafirmamos que a formação inicial, permanente e o trabalho pedagógico efetivado nas turmas de alfabetização devem estar pautados em momentos que fortaleçam o diálogo entre os(as) educadores(as), para que a partir das trocas de experiências vivenciadas nos espaços educativos, da leitura e da reflexão de textos, oficinas, palestras, etc. analisem teoricamente o cotidiano do fazer pedagógico. Então, a formação permanente e os espaços educativos constituem-se como territórios em que se possibilitam encontros com os(as) educadores(as) a fim de desencadear momentos de reflexões acerca da importância de se valorizar os fragmentos das histórias de vida dos educadores/educandos no processo educativo, pois em Freire (2000, p.42) as histórias:

Se caracterizam pelas lutas diárias, marcada pela falta de chão, pela dor da exploração, pela infância roubada, por direitos violados, pela falta da perspectiva, pelo descaso do poder público, pela busca de condições mínimas de sobrevivência, mas acima de tudo, marcada pela luta de homens e mulheres para alcançar o sonho de melhores condições de vida que criam múltiplas estratégias de sobrevivências, encontrando, especialmente na arte de dizer, cantar, criar, sorrir, lutar, driblar, enfim, no fazer cotidiano, formas de sobreviver em meio a situações mais adversas. (Freire, 2000, p.42).

Essa escolha de se trabalhar com a história de vida dos(as) alfabetizando(as) justifica-se em função da memória servir para “mostrar o valor das pessoas, trazer a história para dentro da sala de aula e para a comunidade em que os(as) alfabetizadores(as) estão inseridos(as). Gera sentimentos de pertencimento a determinado lugar e época. Resgata a memória de pessoas mais velhas, articulando o passado ao presente” (ALTENFELDER; CLARA, 2008, p. 7).

A memória se constitui de momentos tristes e alegres que passamos em nossas vidas. Ela se constrói a partir de objetos, imagens, cheiros, sabores, fotos, sensações, e momentos que vivenciamos individualmente ou no coletivo, de acontecimentos dos quais participamos ou ouvimos falar.

Rememorar nossas histórias é fortalecer o eu, é dar um outro direcionamento e sentido à vida, pois nossas memórias são marcas do que vivemos, sentimos, gostamos e do que somos e é perguntando, pesquisando, questionando, que mergulhamos no passado, revivemos mágoas, encontros e desencontros e que de acordo com Nóvoa (1992, p.15) “as experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingrediente-chave da pessoa que somos, do nosso sentido do eu”.

Ao rememorar fragmentos da história de vida a partir de suas narrativas, os(as) alfabetizando(as) dialogam com o outro, expressam seus sentimentos, expõem suas visões de mundo e ampliam seus horizontes, pois Freire (1987, p.38) considera que “é preciso primeiro que os que assim se encontram negados do direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue”.

Os espaços educativos em que funcionarão as turmas de alfabetização transformam-se, portanto, num espaço em que de acordo com Santos (2006, p.5) “as



lembranças são ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação ou da saudade, um sentido à vivência do sujeito que narra a sua história. A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente que atribui sentidos ao passado”. As lembranças jamais se apresentam isoladas, são de ordem relacional e envolvem outros indivíduos.

Rememorando suas histórias de vida, os(as) alfabetizados(as) expressam seu pensamento e reivindicam os direitos de cidadãos(ãs), passando a ter vez, adquirindo o direito de voz para expressarem suas angústias, seus medos, seus sonhos, suas dores, enfim, relatam por escrito e/ou oralmente suas histórias de vida repletas de sentidos e de uma significação existencial entranhada no corpo/voz de homens e mulheres. De acordo com Montenegro (1993, p.26) as “Histórias de vida estabelecem um campo de resgate de memória. São experiências, acontecimentos, momentos que constituem as fontes de significados a serem revisitados” (p.26). História de vida também é concebida por Pereira de Queiroz (1991, p.6) que a define como “um relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que ele considera significativos e através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, e sua sociedade, que cabe ao pesquisador desvendar”.

São histórias que nos emocionam. Histórias ou documentos falados que comprovam o sofrimento mudo, a opressão descabida que muitos sofreram/sofrem no seu cotidiano, sufocando as pessoas. Com relação a isso Freire (2001, p.47) enfatiza que “com a vontade enfraquecida, a resistência frágil, a identidade posta em dúvida, a autoestima esfarrapada, não se pode lutar”. Tal reflexão nos inquieta e nos faz pensar o quanto silenciemos e reprimimos a nós e aos outros, sem dar as pessoas chance do diálogo.

Essas vozes reprimidas são também vozes de indignação, de resistência à opressão sofrida, à exclusão do mundo da leitura-escrita que foram submetidas desde a infância-adolescência em situações que expressam o autoritarismo doméstico - pai, mãe, avó, tio, marido proibiam seus filhos de estudarem, proibiam a mulher de ter acesso à escola - ou porque tinham que trabalhar na roça para contribuir na subsistência familiar,

ou então, porque não havia nenhuma instituição escolar próxima à sua casa ou porque o pai não queria que sua filha aprendesse a ler/escrever para mandar/receber carta ao/do namorado.

Ao contar suas histórias de vida, o(a) alfabetizando(a) não se remete somente às lembranças individuais, mas contam de acordo com Paulilo (2006, p.2) “mais do que uma vida, elas contam a vida de uma época, de um grupo, de um povo”.

O Programa Alfabetiza Belém, desta forma, quer valorizar os educadores(as)-educandos(as) para que não sejam apenas leitores(as)/escritores(as) das histórias dos outros, mas que, sejam autores(as)/escritores(as) de seus próprios textos, das suas histórias de vida. Lembramo-nos de Larosa (1998, p. 20) de que “não é de todo infeliz aquele que pode contar sua história para si próprio”, e é claro, contar para o outro e que este outro também conte suas histórias recheadas de esperança, conquista, sonhos, revolta, saudosismo e com a possibilidade preconizada por Freire (1987, p.41) de “ser mais”.

Assim, partimos para as pistas metodológicas, que neste caderno, irão auxiliar e inspirar as práticas pedagógicas com as histórias de vida em sala de aula, pois as mesmas não serão atividades prontas para serem copiadas e sim instigar a imaginação, a construção de atividades e ajudá-los com novas ideias, garantindo assim uma educação de qualidade, não bancária e sobretudo Freireana.

### **1.1 - A história de vida como geradora de pistas metodológicas ao trabalho pedagógico do(a) alfabetizador(a)**

Os fragmentos da história de vida que serão apresentados foram recolhidos e trabalhados na formação permanente do **MOVA Belém** no ano de 2004 no Distrito Administrativo de Outeiro, os quais nos possibilitaram cavucar as lembranças, os acontecimentos da educadora Rosalina do Rosário, tornando-a narradora de sua própria história e a coordenação responsável pela formação como escriba que transcreveu os textos orais da mesma no quadro.

Esses textos orais transcritos surgiram a partir da organização de questões geradoras, tais como: Quem poderia contar sua história de vida? Conte pra gente um pouco da tua infância, da sua adolescência? Quais as brincadeiras preferidas? O que você tem mais saudade? É importante que a história contada pelo(a) alfabetizando(a) aconteça de forma espontânea, na qual o(a) mesmo(a) queira contá-la, demarcando assim as suas cronologias e os fatos marcantes de sua trajetória de vida.

A história de vida da educadora, portanto, tornou-se o elemento norteador para o desenvolvimento de atividades que envolvessem a oralidade-leitura-escrita e com o intuito de contribuir ao trabalho pedagógico dos(as) educadores(as), sugerimos algumas pistas (não são receitas) metodológicas que cada um(a) pode recriar e ressignificar de acordo com a realidade de cada turma e de cada alfabetizando(a).

Assim, escolhemos a seguinte história de vida da educadora Rosalina do Distrito Administrativo de Outeiro, para que, a partir da mesma fossem apresentadas algumas sugestões metodológicas:

A minha infância foi boa graças a Deus; sempre eu me entendi nós tínhamos comércio; nos não éramos ricos; o papai trabalhava, a mamãe trabalhava; nós somos sete irmãos, um faleceu, todos formados; não tenho mais mãe, nem pai, são todos falecidos; eu morava na comunidade da Pratinha; eu tenho mais saudade quando a gente ia desfilar no IEP em 1980, e da escola, das amigas e aqueles trabalhos de teatro que tinha de representar na escola. (em roda de conversa durante a formação com a educadora Rosalina do Rosário).

Essa história revela fragmentos da vida de Rosalina, porém cada alfabetizador(a) pode ampliar a história do(a) alfabetizando(a) com outros elementos e outras questões geradoras (brincadeiras na infância; relação com a família, trabalho; quais os lugares que morou? Como foi? Quais suas dificuldades econômicas? Quais seus sonhos, medos e conquistas? Como foi sua infância? O nome dos irmãos, pais, namorado, marido; a história do nome...) para que desta forma sejam ampliadas e diversificadas as temáticas explícitas/implícitas no texto.

- **Sugestões de atividades a serem desenvolvidas a partir da história de vida da Rosalina:**

**Apresentação e análise do texto:**

- Quais os/as personagens presentes na história? Que título você daria para essa história? Por que você escolheu esse título? Quem é o/a autor/a da história? De onde foi extraído? O que o texto nos fala? Em que lugar foi escrito? Qual a intenção? Qual o público? Qual a linguagem apresentada? Esse texto tem relação com outros textos (poema, música, conto e outros)? Intertextualidade - / O que o texto não fala? Quais as palavras relacionadas ao lugar e espaço? Quais as palavras relacionadas ao tempo? Quais as palavras relacionadas à família?

- No texto da Rosalina, por exemplo, não ressalta detalhadamente como era o trabalho dos seus pais no comércio e que atividade era desenvolvida. Portanto, há a possibilidade de se entrevistar na sala de aula a própria autora do texto, para que a mesma esclareça e/ou acrescente informações acerca da sua vida.

**Leitura do texto:**

- Solicitar ao(à) alfabetizando(a) para ler individualmente o texto ou o 1º parágrafo ou a 1ª linha. É importante que o(a) mesmo(a) seja encorajado(a) pelo(a) alfabetizador(a) para que o(a) mesmo(a) tente ler sozinho e/ou com a ajuda de um(a) colega da turma;

- Leitura em voz alta pelo(a) alfabetizador(a);

- Aponte uma palavra do texto e solicite aos(às) alfabetizandos(as) para que identifique a mesma;

- Perguntar aos(às) alfabetizandos(as): Qual a palavra que vocês mais e/ou menos gostam? Por quê? Aponte no quadro a palavra? O que significa esta palavra para vocês? Quais as palavras repetidas?

- Quais as palavras que têm o mesmo sentido? E as que têm o sentido contrário?

- Quais as palavras que têm mais de um significado?

- Qual a palavra maior em quantidade de letras? E a menor? Qual a diferença entre elas?
- Você pode numerar as linhas do texto e solicitar aos(às) alfabetizandos(as) a leitura do texto escrito.

**Desenho / Imagem:**

- Solicitar aos(às) alfabetizandos(as) que escolham palavras do texto que podem ser desenhadas ou representadas por imagem. Posteriormente, organizam-se as pessoas em grupo para que os(as) mesmos(as) produzam um texto a partir da sequência dos desenhos ou imagens e posterior socialização no coletivo da turma.

**Ex.:** No texto da Rosalina podemos desenhar ou selecionar imagens de revistas/ jornais. Nesse exemplo escolhemos as palavras papai, mamãe, escola, ler e escrever.



O papai e a mamãe nunca quiseram que eu fosse à escola para aprender ler e escrever.

**Mímica:** Cada alfabetizando (a) escolhe uma palavra do texto (ex: não) expressando-a por mímica para os(a) outros(as) alfabetizandos(as) descubram qual é a palavra ou então, aquele(a) que faz a mímica escolhe algum(a) colega para dizer qual é a palavra ou marca a palavra no texto ou então escreve a palavra.

Escolha de uma palavra do texto e vai modificando a primeira letra:

**M** INHA

Se nós tirarmos a letra M colocarmos a T, V e L ficará:

**T** INHA

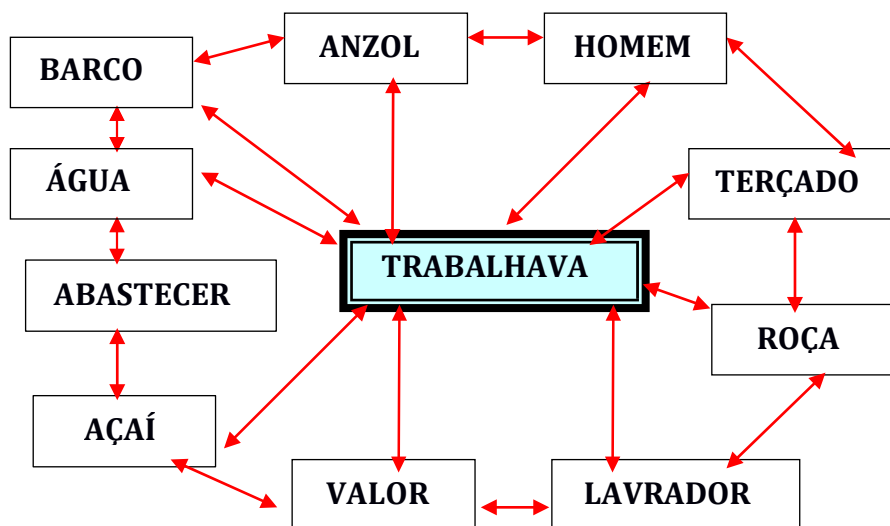
**V** INHA

**L** INHA

**Acróstico:** Escolha de uma palavra do texto para se organizar um acróstico e a partir deste construir um texto e também perguntar aos(às) alfabetizandos(as) qual a relação destas palavras com a palavra-chave “trabalhava”, havendo a possibilidade de perceber a inter-relação entre as palavras a partir da organização de uma rede de palavras. Podemos também desenhar estas palavras para construir um texto.

Ex.:

Terçado  
Roça  
Açaí  
Barco  
Anzol  
Lavrador ou lucro  
Homem  
Abastecer  
Valor  
Água



**Misturada:** Entregar aos(às) alfabetizandos(as) em grupo trechos do texto (linha ou parágrafo): um só em sílaba, outro só em palavras e outro só em letras para que os mesmos construam um texto.

Construção de novas palavras a partir de alguma palavra do texto, fazendo gerar um novo texto com os(as) alfabetizados(as):

**Exemplo 1:** TRABALHA**VA**

VASSOURA

RALANDO

DOBRO

BROCA

CASA

SALÁRIO

EU TRABALHAVA FAZENDO VASSOURA DE  
PIAÇAVA, RALANDO 10 HORAS POR DIA PARA  
GANHAR O DOBRO DO MEU SALÁRIO E  
PODER GARANTIR A BROCA PARA MINHA  
FAMÍLIA EM CASA.

**Exemplo 2:**

TRA BALHAVA

TRA TOR

TRA VA

TRA ÇA

TRA MA

**Exemplo 3:**

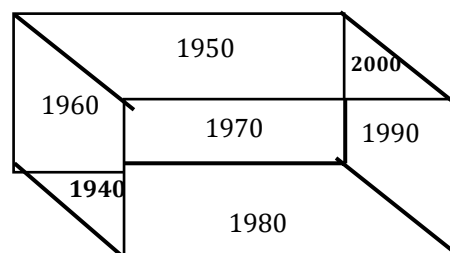
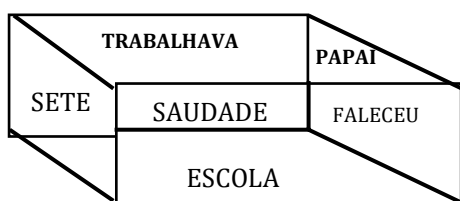
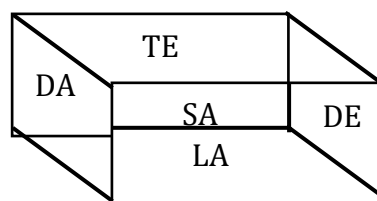
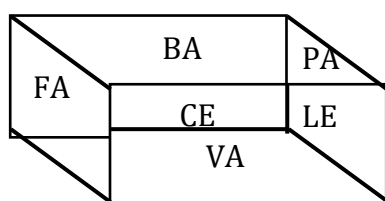
TRABALHA	<u>VA</u>
CANTA	<u>VA</u>
FALA	<u>VA</u>
REINVINDICA	<u>VA</u>
SUA	<u>VA</u>

#### Exemplo 4:

#### **TRABALHAVA**

ABA  
TRALHA  
TRAVA  
RALHA  
VALA  
LAVA

**Construção de dados:** Construção de um dado com algumas sílabas das seguintes palavras do texto: TRABALHAVA, PAPAI, FALECEU, SETE, SAUDADE E ESCOLA ou dados com palavras do texto. Os(As) alfabetizandos(as) jogam os dados e tentam ler as palavras podendo construir uma frase ou criar outras histórias. Há também a possibilidade de se jogar o dado contendo as décadas ou faixa etária dos(as) alfabetizandos(as), com intuito dos mesmos falarem ou escreverem alguns fatos marcantes da sua vida. O(a) alfabetizando(a) joga o dado e se cair na década de 80, o mesmo tentará lembrar o que aconteceu nesta época ou se for por faixa etária, o mesmo joga o dado e se cair, por exemplo, na face do dado em que diz “quando cheguei aos 30 anos...”, o(a) educando(a) tentará lembrar o que aconteceu nessa idade.

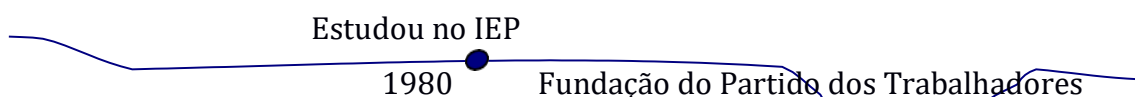


**Caixa-surpresa:** organizar palavras do texto em caixas. Uma caixa, por exemplo, nos lembrará palavras relacionadas à saudade (infância, papai, mamãe...), ao dinheiro (comércio, trabalhava, sete...), ao lugar (Pratinha, teatro, escola...) e solicitar aos(às) alfabetizandos(as) que façam a leitura das palavras contidas na caixa.



**Relação da imagem com palavras:** organizar numa caixa palavras do texto (mamãe, papai, escola...). A palavra que o(a) alfabetizando(a) retirar, o(a) mesmo(a) tentará lê-la e deverá escolher a imagem que está relacionada com a palavra ou vice-versa.

**Linha do Tempo:** organizar os acontecimentos marcantes da vida do(a) alfabetizando(a) e também os acontecimentos históricos de Belém / Pará / Brasil / Mundo:



**Intertextualidade:** selecionar textos que estejam conectados ao contexto da história de vida, como por exemplo, os provérbios, fazer a leitura e refletir sobre os mesmos. No caso da história de vida da educadora Rosalina, a mesma faz referência às palavras trabalho e Deus.

Exemplos de provérbios: O trabalho dignifica o homem.

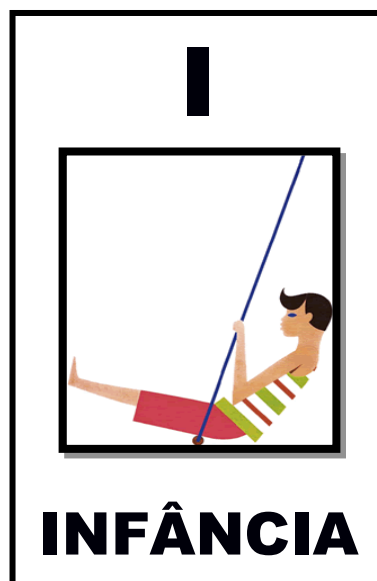
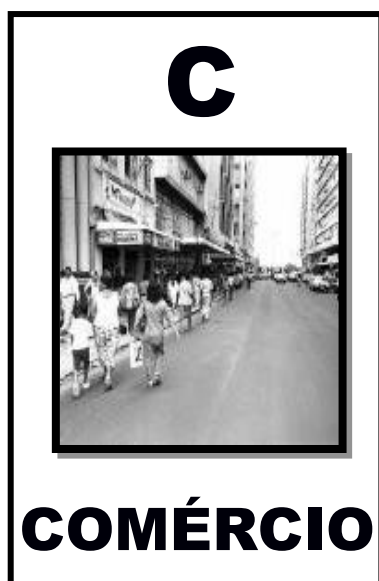
Quem cedo madruga, Deus ajuda.

**Música:** Seleção de músicas relacionadas à história de vida, como a música “Família” do grupo musical Titãs e desenvolver atividades de leitura, escrita e oralidade.

**Sonorização das sílabas:** O(a) alfabetizador(a) pode trabalhar com as sílabas sem ter a preocupação de conceituá-las e classificá-las (monossílabas, dissílabas...), desenvolvendo atividades de forma lúdica com as mesmas. Cada sílaba pronunciada uma batida na mesa ou carteira; podemos perceber quantas vezes movimentamos a boca quando falamos a palavra “trabalhava” ou quantas vezes batemos palmas ou estalamos o dedo.

**Construção do alfabeto fixo a partir das palavras do texto (varal didático):** O(a) alfabetizador(a) pode construir o alfabeto fixo juntamente com os educandos a partir de palavras que surgem em sala de aula, organizando-as em papel A4 para compor o **Varal didático** e contribuindo para a construção de um ambiente alfabetizador. A partir da história da Rosalina temos algumas possibilidades de construção do alfabeto:

Ex.:



**Construção do silabário a partir da história de vida:** Organização de palavras geradas em sala de aula.

	A	Ã	É	Ê	EN	I	IN	Ó	Ô	ON	U	UN
B												
C												
D												
F												
G												
H												
J												
L												
M	Mais	Mãe										
N												
P	Pai											
Q												
R												
S												
T												
V												
X												
Z												

**Recortes de palavras:** O(a) alfabetizador(a) pode recortar todas as palavras da história de vida por trecho na cartolina e as palavras que podem ser desenhadas, você as retira e embaixo do espaço em branco colocam-se os desenhos.

Ex.:

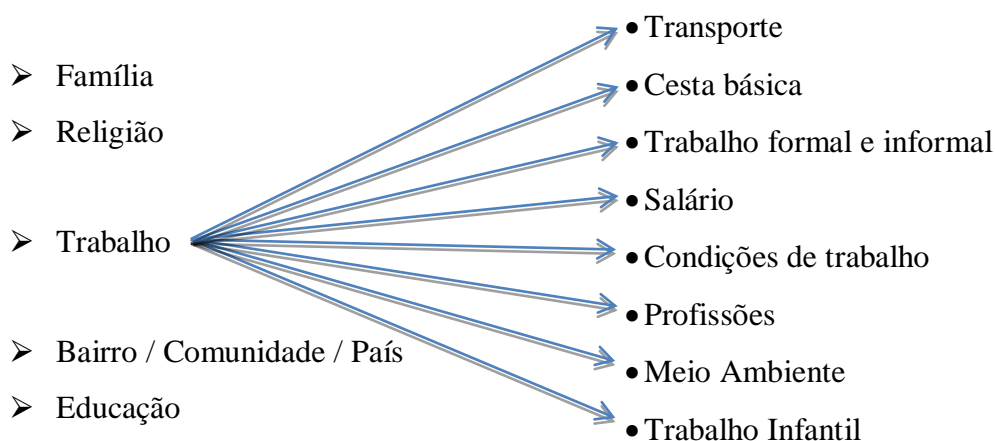
A	MINHA	INFÂNCIA	FOI	BOA
GRAÇAS	A	DEUS	SEMPRE	EU
ME	ENTENDI	NÓS	TÍNHAMOS	COMÉRCIO

Organizadas todas as palavras, os(as) alfabetizandos(as) irão colocar o seu desenho correspondente à palavra ou colocam-se os desenhos primeiramente, para que se procure a palavra correspondente.

**Nosso dicionário:** Seleccionam-se palavras do texto para que os(as) alfabetizandos atribuam seus significados e o alfabetizador(a) transcreve no quadro os significados e realiza a leitura.

**Ex.:** Perguntar aos(às) alfabetizandos(as): O que é saúde? O que é infância? O que é Deus? O que é trabalho? Ao final do ano, o(a) alfabetizador(a) poderá organizar um dicionário com palavras de A a Z com os(as) alfabetizandos(as)

#### **Organização de temáticas a serem trabalhadas a partir da história de vida:**



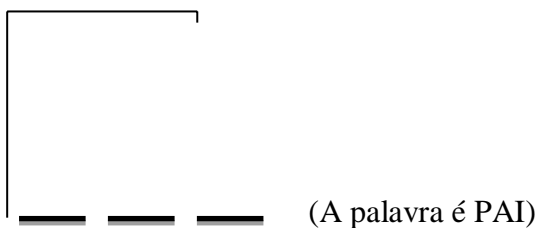
**Aspectos formais da escrita:** Observação de aspectos formais da escrita como sistema de representação: direção (escrever da esquerda para direita e de cima para baixo, número de frases, uso de maiúsculas e minúsculas, pontuação, espaço entre as palavras e outros).

**Pescaria:** Organizar palavras do texto que podem ser retiradas pelos(as) alfabetizandos(as) através da vara de pesca e solicitar a leitura das palavras. O(A) alfabetizando(a) também tem a possibilidade de pescar e solicitar que algum(a) colega leia a palavra retirada.

**Mapa da História de Vida do educando:** Solicitar ao educando que oralize e/ou escreva quais os lugares que morou em Belém, no Pará ou em outro estado. Posteriormente o educador construirá um mapa para que os educandos localizem e escrevam esses lugares.

**Brincadeira da Forca:** O alfabetizador(a) ou o(a) alfabetizando(a) pensam numa palavra que lembre a história de vida e os demais tentarão descobrir qual a palavra pensada.

Ex.:



**Bingo:** Organizar um bingo com as palavras do texto, como por exemplo:

PAI	MAMÃE
DEUS	IRMÃOS
ESCOLA	RICOS
SAUDADE	EU

**Caça-palavras:** Organizar palavras da história para os(as) alfabetizandos(as) caçarem. Os(as) alfabetizandos(as) podem pintar ou marcar. Como exemplo, apresentamos o seguinte caça-palavras:

B	C	D	A	V	S	P
R	H	U	I	B	X	A
A	R	I	C	O	M	P
M	I	N	H	A	B	A
V	L	N	U	O	R	I
L	S	E	T	E	N	A
E	S	C	O	L	A	E

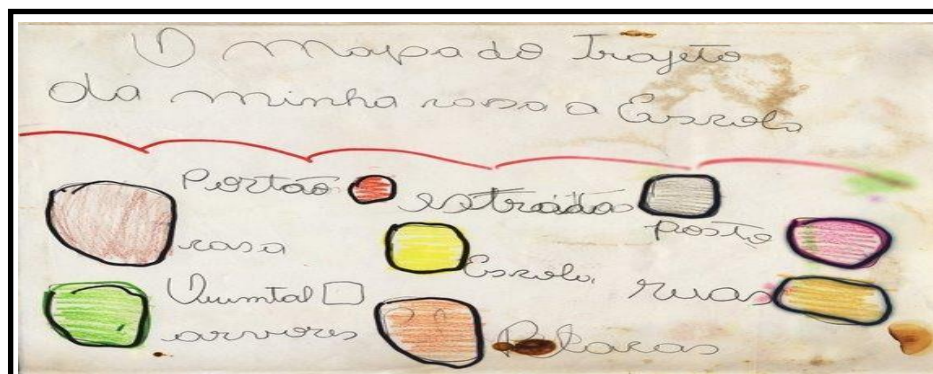
**Charge:** Selecionar a charge que tenha relação com alguma temática e/ou palavra da história de vida e solicitar aos(às) alfabetizandos(as) a leitura da imagem, que oralizem no coletivo e produzam um texto.

**Ex.:**



**Trajeto:** Solicitar aos(às) alfabetizandos(as) que desenhem seu trajeto da sua casa para a turma de alfabetização e neste desenho coloquem o que veem nas ruas, nas calçadas, nas casas, como é a paisagem, se houve mudanças nessa paisagem no decorrer do tempo, quais os serviços ofertados à comunidade e outros.

**Ex.:**



**Aula Passeio:** Organizar uma aula passeio com os(as) alfabetizandos(as) para observar o que tem na comunidade (os serviços públicos, textos escritos, meio ambiente e outros), tentando registrar todas as informações por escrito para se trabalhar na sala de aula.

**Jornal da Minha Vida:** Como na história de vida são ressaltados o pai, mãe e os irmãos, podemos organizar a atividade denominada jornal da minha vida, na qual cada alfabetizando(a) terá seções (minha infância, minha família, meu trabalho, meus sonhos, meus medos e minha comunidade) que fazem parte de sua história de vida. O(a) alfabetizando(a) escolherá uma imagem de jornal ou de revista, caso não encontrem a imagem o mesmo pode desenhar, para que tente escrever o porquê da escolha da imagem, o que a mesma o faz lembrar, por exemplo, a sua infância. Posteriormente, cada alfabetizando(a) cola sua seção no jornal para socializar no coletivo e também para compor o ambiente alfabetizador da sala de aula.

Ex.:

### MINHA INFÂNCIA



### MINHA FAMÍLIA



### MINHA COMUNIDADE



### MEUS SONHOS



### MEUS MEDOS



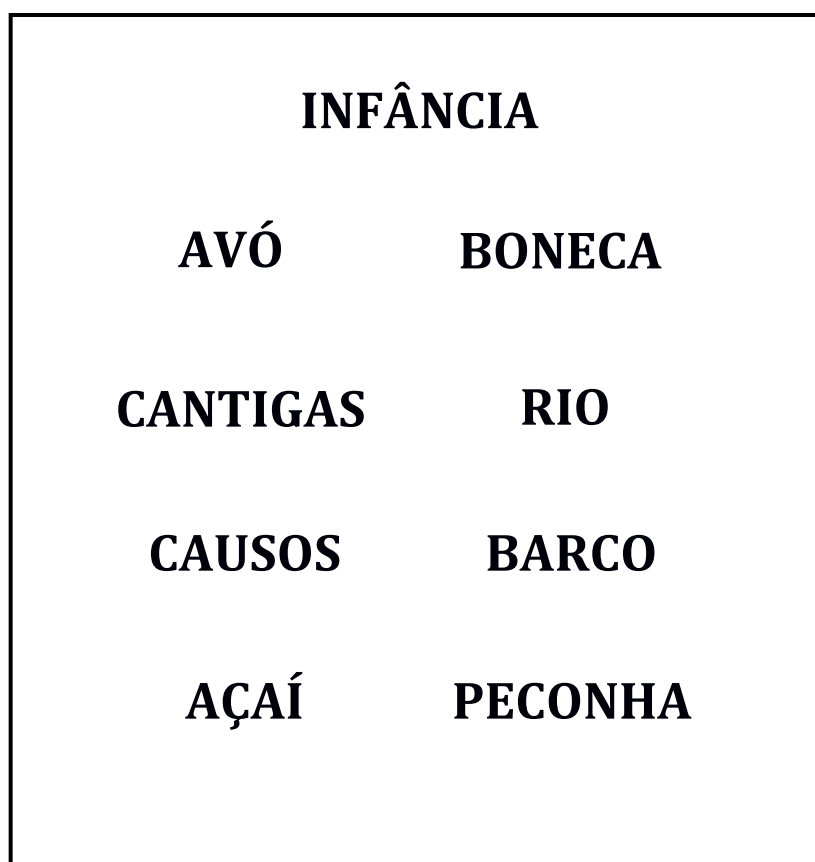
### MEU TRABALHO





**Detetive:** Procurar as palavras-chave em jornais e revistas para recortá-las e copiá-las num cartaz intitulado “Procura-se a palavra...”.

**Ex.:** Vamos procurar a palavra infância?  
Ou vamos procurar palavras relacionadas à infância?



***CANTANDO E ALFABETIZANDO NA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E  
IDOSOS***

**Prof. Esp. Erick do Socorro Moraes Gomes**

COEJA/DIED/SEMEC

**Profa Esp. Rosenilda de Fátima Moreira Rodrigues**

COEJA/DIED/SEMEC

**Profa Esp. Yandala Amaral Damasceno da Silva**

COEJA/DIED/SEMEC

**ALFABETIZAR PARA LEITURA E ESCRITA** de forma crítica, problematizadora e emancipadora é um dos processos que possibilita aos sujeitos o seu direito, de acordo com FREIRE (1987, p. 41), de “ser mais”. Desta maneira, dentre os gêneros textuais sugerimos a alfabetização por meio da canção que em sua totalidade pode possibilitar a reflexão, análise e diálogo.

A visão de mundo do educando é fator fundamental para valorização e significação do ensino-aprendizagem e uma das formas de garanti-la singularmente faz-se pela música, gênero este que aguça a nossa história, a identidade cultural, a memória afetiva e a emoção.

Nesse cenário, a musicalidade em sua magnitude também permite a promoção de valorização da cultura ao tratar-se do público da Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA- por vezes desvalorizada e auxilia no desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita assim como a corporeidade, excepcionalmente de forma prazerosa e lúdica, sendo este, um dos focos deste caderno pedagógico, revelando-nos que:

A música em suas inúmeras formas quando utilizada em sala de aula, desenvolve diferentes habilidades como: o raciocínio, a criatividade, promove a autodisciplina e desperta a consciência rítmica e estética, além de desenvolver a linguagem oral, a afetividade, a percepção corporal e também promover a socialização. (SEKEFF, 2007, p.15).

O trabalho com o gênero canção possibilita também o que preconiza a Constituição de 1988 em seu art 205, quando destaca que a educação possibilitará o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e no art 3º, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 20 de Dezembro de 1996/ LDBEN quando enfatiza a valorização da experiência extraescolar e a vinculação entre a educação escolar e as práticas sociais, levando-se em consideração os sujeitos e suas vivências, em uma linha horizontal construída entre educador-educando.

Outro ponto a ser demarcado está na decolonização e amazonização do currículo, ainda tradicional, mecânico e distante das propostas progressistas de educação, já citadas.

É salutar chamar a atenção para a forma de incorporamos a ecologia de saberes de Boaventura (SANTOS, 2019, p.36), que nos permite o reconhecimento de uma multiplicidade de formas de outros conhecimentos, entre teoria e ação, entre individual e coletivo, entre políticas e práticas cotidianas. Trata-se de uma rede que interconecta saberes e descoloniza pensamentos. (GOMES; CALADO,2020, p.25)

Desta forma, torna-se necessário para início de trajeto, o(a) educador(a) realizar a diagnose de seus educandos, gostos e universo musical, enfatizar a relevância destes e ratificar sua posição de mediador(a), não julgador(a), uma vez que, independente de gênero todas são cultura(s), e expressões históricas.

Aconselha-se, aproveitar-se do momento de coleta, para engrandecer cada contribuição, exposição, manifestação, exemplificar e detalhar cada atividade, para com isso, incentivar e motivar a participação-pesquisa ativa dos educandos em cada um dos vários processos de alfabetização, pois, dentre as distintas carências do público da EJAI, estão, segundo Fonseca (2011, p.7) “ as físicas e psicológicas como: a baixa motivação, o conformismo com a situação de analfabeto, a auto depreciação, os problemas físicos – deficiências da visão, audição e de psicomotricidade – além de problemas de memorização...”

O conhecimento da história da música dá seguimento a esta jornada alfabetizadora, visto que mesmo na condição de não alfabetizados(as), a musicalidade está presente no cotidiano de todos, e compreender sua existência e sua relevância histórica, para os diferentes tempos, espaços e memórias, sendo, objeto cognoscível efetiva-se ser imprescindível.

[...] não é somente no âmbito afetivo ou por sua utilização como recurso didático que a música apresenta fortes relações com o processo educacional. [...] a música nos cerca de várias formas e em diversos momentos, o que implica dizer que ela é, também, um fenômeno sócio-histórico. Canções veiculam ideias e sentimentos de indivíduos que, invariavelmente, estão inscritos em um contexto sociocultural e histórico. Assim, ao transmitir ideias e emoções, ela expressa também cultura. (FERREIRA, 2010 p. 47).

Vale destacar que, alfabetizar por meio da música também proporciona momentos diferentes e significativos na vida escolar dos(as) educandos(as), superando

as aulas monótonas, bancárias, cansativas e sem significação, fator este que deve ser evitado em todos os sentidos, principalmente, se levado em consideração as peculiaridades do público da Educação de Jovens, Adultos e Idosos-EJAI, pois a:

[...] utilização de recursos audiovisuais tem a função de dinamizar o ensino, proporcionando ao aluno uma maior interação e aprendizagem. É relevante ressaltar que o uso de diferentes metodologias são apenas meios que facilitam o processo de ensino aprendizagem, visto que uma vez não bem trabalhados não passará de uma aula sem motivação e monótona e nesse momento a figura do educador faz toda a diferença. (FERREIRA, 2010, p.52).

Deste modo, musicalizar não se constitui apenas necessário como imprescindível nas práticas pedagógicas da EJAI, principalmente por representar um recurso pedagógico propulsor da cultura e da história, viabilizando um educar e alfabetizar decolonial e amazônica, que valoriza a dialogicidade e o reconhecimento da posição de oprimido do(a) educando(a) em busca de libertação, emancipação que se dará na relação entre educador(a)-educando(a), educando(a)-educador(a).

Desse modo, a perspectiva freiriana deve se fazer presente em todos os momentos do processo dialógico, que não ocorre sem amor ao ser humano, respeito, fé, confiança, humildade e análise crítica, contribui para a relação entre ambos sujeitos, sem ele, a atividade perde sua finalidade, assim como sua significação.

O caminho, por isto mesmo, para um trabalho de libertação a ser realizado pela liderança revolucionária não é a “propaganda libertadora”. Não está no mero ato de “depositar” a crença da liberdade nos oprimidos, pensando conquistar a sua confiança, mas no dialogar com eles. (FREIRE, 1987, p.74).

Dito isto, partimos para umas possibilidades de atividades, que neste caderno irão auxiliar e inspirar as práticas pedagógicas da sala de aula, não serão exercícios prontos para serem copiados, mas sim possibilidades de instigar a imaginação e contribuir com novas ideias, garantindo uma educação de qualidade, ativa, não bancária e sobretudo freiriana.

## 2.1 - Atividades a partir do gênero canção

### 2.1.1 - Reconhecimento do gênero e diagnóstico do gosto musical

- Dinâmica (pergunta e resposta): Organiza-se uma roda de conversa com os(as) educandos e cada participante escolhe um trecho de uma música marcante na sua história de sua vida e pensa uma pergunta para fazer ao colega do seu lado direito. A resposta dada a cada pergunta será o trecho de música pensada por cada um.

- Complete a música a partir da linha do tempo musical com canções de vários estilos (samba, carimbó, brega, música gospel, forró) de Chiquinha Gonzaga à Dona Onete : seleciona canções como Abre alas de Chiquinha Gonzaga, Asa Branca de Luiz Gonzaga, No meio do pitiú de Dona Onete e outras canções para os(as) educandos(as) escutarem. O(A) educador(a) coloca a música para os(as) educandos(as) escutarem e num determinado momento para a música e os alunos completarão a música cantando.

- Dinâmica “Imagens de mim”: Cada participante escolhe imagem, objeto ou palavras que representem um momento de sua vida e verbaliza o que as imagens provocaram em relação a sua história de vida;

- Roda de conversa a partir das seguintes **questões geradoras**:

O que significa música para vocês?

Quais os elementos que a compõem ?

A função da música é ...

Gosto da música ...

A música é ...

Você reconhece a música a partir da letra escrita?

O que essa música representa pra você?

Essa música tem algo a ver com o tempo de hoje?

O que você achou de mais importante nessa música?

O que a música tratará a partir do título da música?

A partir da letra da música, você considera que tipo de linguagem?

Você reconhece o momento histórico de quando esse estilo musical foi criado?

Qual a parte da música que mais chamou atenção?

A partir de uma letra vamos criar uma paródia.

Qual a música original a partir da paródia criada?

O significado de uma música não é o que ela fala, porém é o que você sente quando ela fala com você.

PENSADOR

camila souza

### 2.1.2 - Possibilidades de atividades a partir da canção Pauapixuna e Esse rio é minha rua

Gênero textual escolhido: Canção

Canções escolhidas: Pauapixuna e Esse rio é minha rua

Período de execução: Outubro/Novembro/Dezembro

Apresentação da situação comunicativa:

Expor aos alfabetizandos(as) o projeto de comunicação (Aspectos a serem avaliados; quem serão os possíveis interlocutores; quais as etapas da produção; o que se espera do(a) educando(a)); como será a produção final e em que suporte as produções escritas e orais irão circular).



- Exposição do gênero textual “Canção”:
- Diagnóstico do gosto musical dos alunos:

**Dinâmica (pergunta e resposta):** Cada participante escolhe um trecho de uma música marcante na história de sua vida e pensa uma pergunta para fazer ao colega do seu lado direito. O trecho da música pensada será a resposta à pergunta;

**Audição de músicas relacionadas a certo período da vida pessoal;**

**Dinâmica “Imagens de mim”:** Cada participante escolhe imagem, objeto ou palavras que representem um momento de sua vida;

**Roda de conversa a partir das seguintes questões geradoras:** O que significa música para vocês? Quais os elementos que compõem a música? A função da música é ... Gosto da música ... A música é ...

### **Produção inicial**

Produção de uma paródia a partir das canções Pauapixuna e Esse rio é minha rua

Audição da canção;

Apresentação da letra da canção;

Explorar o som, a melodia, o ritmo, o estilo;

Construção coletiva de uma paródia.

### **Módulo I**

Antecipação das ideias a partir do título da canção;

Audição da paródia e filmagem da produção com celular;

Comentários sobre essa 1ª produção;

Audição das canções Pauapixuna e Esse rio é minha rua.

### **Módulo II**

Fatiamento da canção em estrofes, versos, palavras, sílabas e letras;

Construção do alfabeto a partir das palavras destacadas na canção;

Criação do Glossário;

Acróstico;

Formação de palavras;

Classe de palavras (artigo, preposição, advérbio, verbo, pronome, substantivo e adjetivo);

Jogos de palavras (pares mínimos, lista de palavras);



Trabalho com o significado das palavras e as mensagens subliminares nas canções.

### **Módulo III**

Produção de vídeos a partir das canções escolhidas pelos alfabetizados(as) (Laboratório de informática);

Composições poéticas das canções paraenses (Biblioteca e Sala de leitura)

Ex.: Uma leira, uma esteira,

Uma beira de rio

Um cavalo no pasto,

Uma égua no cio

Um princípio de noite

Um caminho vazio

Uma leira, uma esteira,

Uma beira de rio



**Obs.:** Ao escutar essa canção fazemos uma espécie de imagem poética;

Esse trecho da canção tem musicalidade, rima, ritmo, melodia;

Construção da galeria de cantores e compositores paraenses (Artes);

Construção coreográfica a partir da paródia elaborada pelos(as) educandos(as) (Educação Física);

Linha do tempo musical aliado a um fato histórico do Pará e a um fato pessoal;

Declamação dos poemas presentes nas canções;

Canção e fotografia: O aluno fotografará uma imagem, um objeto, algo da natureza que tenha uma relação com a canção;

Sessão de vídeos curtos (Chama Verequete e outros).

### **Produção final**

Diálogo entre verbal (letra) e a melodia (música);

Retorno à paródia, observando os seguintes aspectos: Audição das canções que deram origem às paródias; Aula expositiva dos elementos que compõem a canção (ritmo, harmonia, melodia, timbre, forma musical) a partir de apresentação em slide ou vídeos curtos do youtube;

Composição verbal e melódica;  
Noite lítero-musical (Culminância);

### 2.1.3 - Interpretação de texto a partir da canção “Olhando Belém”

A partir da música “Olhando Belém”, de Vital Lima e cantada por Nilson Chaves, poderemos fazer as seguintes reflexões: o que o compositor quis expressar em “o Brasil nunca viu a amazônia?” A canção cita personagens folclóricos. Quais são? Qual a importância destes para a cultura amazônica? Dê exemplos de contos da nossa cultura popular. Analise o trecho “Sou caipira, sede urbana dos matos”. “Um caipora que nasceu na cidade” Qual sua opinião sobre este trecho?

#### Olhando Belém

O sol da manhã rasga o céu da Amazônia  
Eu olho Belém da janela do hotel  
As aves que passam fazendo uma zona  
Mostrando pra mim que a Amazônia sou eu  
E tudo é muito lindo  
É branco, é negro, é índio  
No rio tiete mora a minha verdade  
Sou caipira, sede urbana dos matos  
Um caipora que nasceu na cidade  
Um curupira de gravata e sapatos  
Sem nome e sem dinheiro  
Sou mais um brasileiro  
Olhando Belém enquanto uma canoa desce um rio  
E o curumim assiste da canoa um boing riscando o vazio  
Eu posso acreditar que ainda dá pra gente viver numa boa  
Os rios da minha aldeia são maiores do que os de Fernando Pessoa  
Olhando os meus olhos de verde e floresta  
Sentindo na pele o que disse o poeta  
Eu olho o futuro e pergunto pra insônia  
Será que o Brasil nunca viu a Amazônia  
E vou dormir com isso  
Será que é tão difícil



#### Meu dicionário

O(A) educador(a) pode realizar esta atividade em grupos de 4 a 5 pessoas ou individualmente, após, cada grupo ou educando(a) receberá um trecho da música escolhida e tentarão dizer e/ou escrever o significado das palavras contidas em tal trecho,

finalizarão organizando um painel intitulado “meu dicionário” com as palavras de maior significado da música.

Sugestão de música: Sabor Açaí / Nilson Chaves

E pra que tu foi plantado  
E pra que tu foi plantada  
Pra invadir a nossa mesa  
E abastar a nossa casa...  
Teu destino foi traçado  
Pelas mãos da mãe do mato  
Mãos prendadas de uma deusa  
Mãos de toque abençoado...  
És a planta que alimenta  
A paixão do nosso povo  
Macho fêmea das touceiras  
Onde Oxossi faz seu posto...  
A mais magra das palmeiras  
Mas mulher do sangue grosso  
E homem do sangue vasto  
Tu te entrega até o caroço...  
E tua fruta vai rolando  
Para os nossos alguidares  
Tu te entregas ao sacrifício  
Fruta santa, fruta mártir  
Tens o dom de seres muito  
Onde muitos não têm nada  
Uns te chamam açaizeiro  
Outros te chamam juçara...  
Põe tapioca  
Põe farinha d'água  
Põe açúcar  
Não põe nada  
Ou me bebe como um suco  
Que eu sou muito mais que um fruto  
Sou sabor marajoara  
Sou sabor marajoara  
Sou sabor...(2x)  
Põe tapioca  
Põe farinha d'água...(9x)

### **Recriação da música**

Cada grupo irá recriar e reconstruir a música, em sequência, poderá expressá-la através da poesia, dramatização, pintura, desenho, texto, mímica entre outros.

### **Painel integrado**

Separam-se os trechos da música (numerados) e aquelas que tirarem a mesma numeração formam grupos para discutir o texto e o significado das palavras. Em seguida, misturam-se às pessoas, cada um representando seu número, e assim, inicia-se a socialização do que foi discutido anteriormente.

### **Produção textual - carta- comentário**

Socializando, cada educando(a) escolhe alguém da sala para enviar uma carta, nesta, deverá comentar a música trabalhada; depois as mesmas serão organizadas num painel para que todos(as) possam ler, após leitura, terão alguns minutos para tentar descobrir quem lhe enviou a música.

### **Organização das palavras**

O(A) educador(a) dividirá a turma em grupos e distribuirá um trecho da música com as palavras misturadas para cada grupo; os(as) educandos(as) deverão tentar dar uma sequência às palavras.

### **Procurando os sons das palavras**

Será necessário organizar as palavras que começam com a mesma letra, com isto, poderão verificar qual a letra que mais repete e a que menos se repete; seguindo deverão organizar palavras que terminam com o mesmo som.

### **Acróstico**

Organizar em um grupo ou individualmente um acróstico a partir de uma palavra escolhida da música pelo grupo e formar frases ou outras palavras.




## Bingo

Organizar um bingo com as palavras da música para os educandos(as) ainda não alfabetizados e pode-se montar um bingo com imagens da música trabalhada.

Música proposta: **Voando pro Pará**/ Joelma

Eu vou tomar um Tacacá  
Dançar, curtir  
Ficar de boa  
Pois quando chego no Pará  
Me sinto bem  
O tempo voa...  
Chegou o mês de férias  
Vou voando pro Pará  
Vou direto ao Ver-ao-Peso  
Apurar meu paladar  
Ficar bem à vontade  
E fazer o que quiser  
E matar minha saudade  
Da Pupunha com café...  
Eu vou  
Na Estação das Docas, vou  
Ver o RE-PA no estádio  
Vou sair à noite  
Com os amigos  
Eu vou me jogar...  
Eu vou  
Lá no Mangal das Garças, vou  
No Forte do Presépio  
E depois do Point do Açai  
Eu quero me divertir...

<b>AÇAÍ</b>	<b>REMO</b>	<b>PARÁ</b>
<b>PAYSANDU</b>	<b>TACACÁ</b>	<b>PUPUNHA</b>
<b>DANÇAR</b>	<b>VER-O-PESO</b>	<b>CAFÉ</b>

### **Uso do dicionário**

Pedir aos(às) educandos(as) para marcar e/ou perguntar as palavras que não conheçam o significado; em grupo procurar através do dicionário, o significado das mesmas. Em seguida, deverão socializar no grupão e/ou escrever no quadro para todos lerem. Posteriormente, cada educando(a) receberá um envelope com algumas palavras da música para que o(a) mesmo(a) interprete o significado das palavras, depois pode consultar o dicionário para checar o significado.

### **Quebra-cabeça**

Organizar um jogo de quebra-cabeças com trechos da música escolhida.

### **Mímica**

O(A) educador(a) escolhe palavras da música e escreve em tiras, em seguida distribui aos(às) educandos(as) que deverão estar em dupla. Cada um(a) vai tentar dizer e/ou descobrir que palavras estão escritas na tira do outro através da mímica.

### **Desenho**

Os(As) educandos(as), em grupo ou individual, escolherão uma palavra da música e a representarão através de um desenho. Os outros tentarão descobrir qual é a palavra.

### **Memória**

Cada educando(a) escolhe uma palavra da música e o outro grupo tentará lembrar uma música que conheça e que tenha a palavra escolhida pelo grupo para ser cantada no grupão. Feito isso, o grupo irá socializar na plenária enquanto os outros vão tentar descobrir o nome da música e o nome do(a) cantor(a).

### **Misturada**

Nesta atividade, o(a) educador(a), deverá selecionar palavras de três músicas e misturá-las para que os(as) educandos(as) em grupo ou individualmente possam construir frases e/ou textos.

## 2.1.4 - O Diálogo semiótico da canção Banzeiro: uma proposição para alfabetizar na/com a alfabetização de jovens, adultos e idosos.

### Banzeiro

Te mete, te joga E vem, vem, vem, vem, vem Vem, vem com a gente	Baunilha cheirosa A famosa Priprioca Banzeiro de pororoca	É água de chuva É banho de cheiro É água de chuva É banho de cheiro
Tomar banho de chuva Tomar banho de cheiro Depois se jogar no banzeiro	Banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro	A poporoca passou Banzeiro deixou... Banzeriou, banzeriou Banzeriou, banzeriou Banzeriou...
Te mete, te joga E vem, vem, vem, vem, vem Vem, vem com a gente	Banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro	Lá vem o pô-pô-pô Trazendo o nosso cheiro do interior Tem Pataqueira, tem Patcholi O famoso Bulgari
Tomar banho de chuva Tomar banho de cheiro Depois se jogar no banzeiro	É água de chuva É banho de cheiro É água de chuva É banho de cheiro	
Banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro	Te mete, te joga E vem, vem, vem, vem, vem Vem, vem com a gente	Baunilha cheirosa A famosa Priprioca Banzeiro de pororoca
Banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro	Tomar banho de chuva Tomar banho de cheiro Depois se jogar no banzeiro	Banzeiro (banzeiro) Banzeiro (banzeiro) Banzeiro, banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro
É água de chuva É banho de cheiro É água de chuva É banho de cheiro	Te mete, te joga E vem, vem, vem, vem, vem Vem, vem com a gente	Banzeiro (banzeiro) Banzeiro (banzeiro) Banzeiro, banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro
A poporoca passou Banzeiro deixou... Banzeriou, banzeriou Banzeriou, banzeriou Banzeriou...	Tomar banho de chuva Tomar banho de cheiro Depois se jogar no banzeiro	É água de chuva É banho de cheiro É água de chuva É banho de cheiro
Lá vem o pô-pô-pô Trazendo o nosso cheiro do interior Tem Pataqueira, tem Patcholi O famoso Bulgari	Banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro	É água de chuva É banho de cheiro É água de chuva É banho de cheiro
	Banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro, banzeiro Banzeiro, banzeiro	

*Canção de Dona Onete*



A semiótica estuda todos os tipos possíveis de signos, abarcando todas as linguagens, (a linguagem verbal e não-verbal), abrangendo uma área de estudo muito vasta e complexa, visto que estuda a realidade cultural, o contexto.

Tanto a linguagem verbal quanto as não verbais expressa, sentidos e, por isso, utilizam de signos. Para Santaella (2000),

O signo é algo que, de certo modo e numa certa medida, intenta representar, quer dizer, estar para tornar presente alguma outra coisa, diferente dele, seu objeto, produzindo, como fruto dessa relação de referência, um efeito numa mente potencial ou real. (SANTAELLA, 2000, p. 159).

Podemos observar esse efeito mencionado pela autora ao observar a semiótica na canção do Banzeiro, observando os diferentes signos, as linguagens verbais presentes na letra da canção, bem como, o significado de uma cultura ao analisar a partir das premissas semióticas.

Enquanto signos linguísticos, cada letra e a própria palavra são signos linguísticos, arbitrariamente convencionados nas leis da língua, contudo a imagem da casa pode ser interpretada como um signo linguístico se sua figura disser algo, como numa fotografia ou figura, ou desenho, conforme o contexto em que se pretende comunicar.

Ao apresentar um breve conceito de semiótica - pois a semiótica abraça um vasto universo de possibilidades - nesse trabalho, estamos falando de uma análise de um texto buscando envolver alguns campos semióticos e linguísticos, partindo para o além do linguístico: entrando no arcabouço das memórias, das vivências da cultura paraense - que são apresentados no texto que será analisado numa proximidade semântica e afetiva, que não podem ser desprezadas quando se fizer tal análise.

#### 2.1.4.1 - Navegando nos rios da semiótica.

A canção inicia falando.....

“Te mete, te joga  
E vem, vem, vem, vem, vem  
Vem, vem com a gente  
Tomar banho de chuva  
Tomar banho de cheiro  
Depois se jogar no banzeiro”

No início da canção observamos uma frase bem popular “Te mete”, para a região amazônica traz significado de....

Ao retratarmos tomar banho de chuva no contexto da Amazônia paraense, pode-se associar a famosa chuva da tarde....

Com relação ao trecho “Banho de cheiro”, possui uma forte representação da cultura paraense, esse tipo de banho é utilizado em diferentes contextos, como muitas pessoas utilizam no Cirio de Nazaré. O turismo na visitação das famosas barracas de ervas do Ver-o-Peso.....

Dando prosseguimento, a palavra que mais se apresenta e que é inclusive o título da canção “Banzeiro”.....

Outro trecho importante de se analisar semioticamente, trata-se da parte da canção que menciona a pororoca:

“A poporoca passou  
Banzeiro deixou...”  
Explicar essa parte

#### **2.1.4.2 - Banzeirando na alfabetização de jovens, adultos e idosos.**

Ao navegarmos na pororoca da semiótica da música Banzeiro, realizamos neste momento uma proposta de trabalharmos a Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos, pensa-se em ir além da decifração e cifragem de signos linguísticos, partindo da canção Banzeiro, da cantora e compositora paraense Dona Onete.

Dessa feita, essa canção será usada como exemplo do que pretendemos que seja apropriado pelos(as) alfabetizadores(as), embora possa ser utilizada esta canção no princípio do processo, por fazer parte do cancioneiro popular paraense - sugere-se sejam trabalhadas outras canções, e, se, o(a) alfabetizador(a) preferir utilizar outra música tem total liberdade para isso, haja vista que o alfabetizador(a) é o(a) mediador(a) neste processo.

Ao iniciar esta atividade, sugerimos ao alfabetizador(à) e alfabetizando(a) ouvir a música tocada e cantada (podendo ser reproduzida por aparelho sonográfico) - isto por si, já criará um clima participativo que facilitará as demais atividades didáticas.

Faremos uma exposição didática da prática que propomos, associando as diversas possibilidades de associações de outros signos:

**1.** Ouvir a canção Banzeiro, que deve ser tocada (ao vivo ou reproduzida por aparelho de som) e ser apresentada sua autora, Dona Onete, informando que é paraense etc.; outro item importante é informar o ritmo da dança, carimbó. Mesmo ouvindo e dançando carimbó, muitos(as) alfabetizandos(as) podem não conhecer e distinguir os nomes de uns ritmos de outros ritmos - em especial nesse momento, em que muitos compositores criam nomes para estilos que já existem ou aproveitam nomes de estilos e ritmos famosos para estilos diferentes (exemplo a lambada feita por Pinduca e a lambada feita por Beto Barbosa);

**2.** Após se apropriarem da letra e do ritmo da canção os(as) alfabetizandos(as) podem ficar livres para diversas expressões como a oral podendo cantar; corporal ao dançar no ritmo do carimbó, permitindo que se expressem das mais variadas formas e possibilitando assim, a abertura para novas informações;

3. Após essa audição e diferentes manifestações da canção deve-se possibilitar que a turma informe e/ou busque o significado de:

**-Banzeiro:** significado e origem da palavra (inclusive a palavra primitiva de qual surge)

**-Banho de cheiro:** perfumar-se com muito perfume; ser envolvido por aromas que estão no ambiente; na música: cheiros trazidos pela aragem e pelas águas, da chuva e dos rios

**-Água de cheiro:** perfume; na música refere-se à água da chuva que é água de cheiro porque é a água que possibilitou aquele cheiro característico após a chuva (o cheiro da chuva se dá porque ao tocar nas plantas e no solo o atrito lança ao ar micro-partículas orgânicas (micro-organismos) que excitados pela agitação e pela umidade emanam, ao ar, odor característico e específico:

**-Pororoca:** fenômeno geográfico sazonal nos grandes rios da Amazônia;

**-Popopô:** figura de linguagem que representa o barulho de galhos e árvores levados pela grande correnteza nos rios, no caso em estudo a pororoca - uma onomatopeia e também representa uma embarcação que faz a travessia de Belém para as localidades mais próximas;

**-Pataqueira:** erva regional, que tem seu centro de origem na Região Amazônica e ocorre em áreas alagáveis, desde o México até o Sul do Brasil;

**-Patchouli:** patchouly, pachouli, pachuli, patechuli, patexulí ou ainda oriza no Brasil, é um conjunto de espécies de plantas do gênero Pogostemon e também o óleo essencial obtido de suas folhas;

**-Bogarim** (bogari ou lírio bogari): flor aromatizada de aroma agradável e forte;

**-Baunilha** (baunilha cumaru ou ainda baunilha brasileira): planta ribeirinha faz parte da cultura extrativista vegetal do Pará, que tem sido há décadas um dos meios de sustento das comunidades ribeirinhas e quilombolas, inclusive para exportação.

É importante mencionar que ao buscar as palavras sementes presentes na letra da música, outras manifestações podem surgir e outras formas semióticas poderão ser apresentadas. Tais como: fotografias das barracas de ervas no Ver-o-Peso, receita de bolo que leva essência de baunilha, boneca feita de patchouli, fotos da pororoca, receita de banho de cheiro, entre diversas possibilidades que poderão surgir a partir do conhecimento de mundo de cada educando(a).

**4.** Analisar o texto em partes e no todo: possibilita aos(às) alfabetizados(as) a sua impressão e interpretação de cada estrofe, e, quando o(a) alfabetizador(a) for fazer a sua interpretação, deve, à medida do possível, aproveitar as visões dos(as) educandos(as).

- Na primeira estrofe fala-se em Banho de chuva e banho de cheiro, que a chuva traz, e, depois, jogar-se no banzeiro, ou seja, no ondular das águas dos rios. Há rios que não tem ondas, há rios com leve ondular (o banzo) e leve corrente e há rios com corrente severa e ondas maiores (nesses rios a formação rochosa de seu leito move a água em movimentos de baixo para cima criando vagas e marolas maiores, como alguns trechos do rio São Francisco e outros que descem corredeiras de serras e montanhas)

- O segundo trecho é rítmico e não traz muitos elementos literários, contudo no ritmo do carimbó pode-se sentir o ritmo das marolas do banzeiro (observe-se o som do tambor grave - zabumba ou surdo)

- No terceiro trecho traz-se a água de chuva e a água de cheiro, neste contexto água de cheiro não é perfume, mas a água da chuva com seu cheiro peculiar e a água do rio, que também tem cheiro propício

- Na quarta estrofe encontra-se a **passagem da pororoca e o banzeiro**, que é o dono do rio, deixou ela passar (linguagem literária, o banzeiro deixou a pororoca passar). O banzeiro é frequente no rio, a pororoca eventual. O sentimento de banzo, nostalgia, após a passagem da pororoca, é uma sensação que se dá sempre após um evento que criou muita expectativa: quanto maior a expectativa para um evento, maior a sensação de vazio nostálgico após sua passagem (veja um show, o carnaval, uma copa do mundo, umas férias esperadas, uma grande festa de casamento ou de debutante - ao passar o evento que criou expectativa e fez com que o corpo se enchesse de adrenalina, a endorfina, que traz o relaxamento. pode ser interpretado pelo cérebro como algo nostálgico, triste, pelo contraste com o momento anterior (veja-se a tristeza muito comum no final da tarde: o dia quente e agitado é encerrado com o resfriar rápido do ocaso, este resfriamento faz com que as micropartículas de água fria existente no ar desçam, uma vez que são mais pesadas que as partículas quentes por possuírem micropartículas de gelo. Esta sensação de resfriamento e o escurecer muitas vezes leva a pessoa a um sentimento melancólico - estudos mostram que o entardecer é o momento em que há mais casos de suicídios e tentativas no mundo todo). Caso o(a) alfabetizador(a) desejar pode trabalhar a diferença entre emoção e sentimento: toda emoção ocorre devido fator que a gera, o sentimento é algo construído. O susto é emocional, a fobia é sentimento; o encantamento é emoção, o amor é sentimento; etc

- Na quinta estrofe vemos o ritmo da música trazendo a letra e o inverso - a onomatopeia do “popopô”, imitando a quebradeira de galhos na água da pororoca e o arrastar de galhos e troncos nas vagas mais lentas do banzeiro. O movimento forte da pororoca puxa atrás de si (como em vácuo) o vento - como um ônibus correndo, se uma folha de papel ou cartolina ficar encostada na traseira do veículo, enquanto ele está em movimento, não se soltará do veículo, pois o mover criou atrás do veículo um vácuo e atrás desse vácuo o vento é puxado pelo veículo), assim as águas da pororoca trazem atrás de si o vento e nele e com ele os cheiros do interior (mata, águas e demais coisas não existentes nos centros urbanos, longe dos rios);

- Nesse trazer atrás da pororoca, no banzeiro, a sexta estrofe mostra os cheiros que vieram: patasqueira (planta florida em rama, de margem ribeirinha), o patchouli em suas diversas espécies, o bogarim e a baunilha amazonense - todas plantas de odor forte e característico de produção ribeirinha e cujas fragrâncias são perceptíveis nos banzeiros atrás das pororocas;

**5.** Busca-se-á nesse momento as “palavras geradoras” trabalhadas pelo(as) alfabetizador(a) com os alfabetizados(as), deve-se eleger aquelas com sílabas adequadas ao conhecimento linguístico e alfabético que os(as) educandos(as) já possuam. Devem ser escolhidas palavras das quais outras possam ser geradas, mas principalmente que os(as) alfabetizados(as) já dominem a pronúncia e o significado (o(a) alfabetizador(a) deve trazer essas palavras com as cartelas prontas em cartolinas, com as letras e sílabas): banzeiro, pororoca, bogarim; se for trabalhar dígrafos - banho, chuva, cheiro, passou, nosso, pataqueira, baunilha; se encontrar vocálicos - depois, cheiro, banzeiro, água, deixou, interior, pataqueira, baunilha, cheirosa; se for trabalhar encontro consonantal - banzeiro, interior, patchouli; se for trabalhar substantivo - banho, chuva, cheiro, banzeiro, pororoca, patchouli, bogarim, baunilha; se for trabalhar verbo - tomar, jogar, passou, deixou, banzeirou, trazendo, tem;

**6.** Escolhidas as palavras geradoras os(as) alfabetizadores(as) podem solicitar aos(às) alfabetizados(as):

- Falem ou citem outras manifestações culturais que pertençam à realidade deles para trabalharem (bumba meu boi, festa de igreja, lendas folclóricas, Círio de Nazaré e outras) que conheçam e de certa forma cultuem ou falem muito na comunidade, lendas urbanas (aquelas histórias comuns em cada comunidade);

- Canções tocadas na comunidade de preferência que tragam assuntos ligados à realidade local, paraense, amazônicos ou nacionais;

- Cantores(as), compositores(as) e poetas que conheçam, de preferência paraenses;

- Escolherem um ritmo regional: carimbó, siriá, coco, sirimbó, lambada etc;

7. Em cima do que eles(as) colheram de informações no item 6, propor criarem uma canção no ritmo que falaram, tentando tomar por base o tema (lenda folclórica, lenda urbana ou outra manifestação que escolheram conforme proposto acima);

8. Mostrar que criar canção pra fazer sucesso é difícil, (argumentar toda a empresa midiática da informação, empresários, investimentos, televisão e rádios que cobram para reproduzirem as canções etc). Contudo, cantarolar, inventando, as crianças fazem isso sempre quando estão aprendendo a falar e, os jovens, adultos e idosos, costumam fazer isso quando em trabalhos cansativos e repetitivos - motivá-los a deixar a imaginação fluir e fruir :

- Leitura plástica da canção (desenho, pintura, modelagem ...);
- Leitura dramática da canção (teatro, dança, mímica, performance ...);
- Texto lacunado e/ou fatiado em tiras;

**Ex.:**

É água de chuva

É banho de cheiro

É água de chuva

É banho de cheiro

- Construção de palavras com o alfabeto móvel;
- Pesquisa de aliterações e assonâncias;

**Ex.:** de Assonância (repetição de vogais):

É água de chuva

É banho de cheiro

**Ex.:** de Aliterações (repetição de consoantes):

Tomar **banho de chuva**

Tomar **banho de cheiro**



- Explorar a sonoridade da canção

**Ex.:** E **vem, vem, vem, vem, vem**

**Vem, vem** com a gente

- Relação da canção Banzeiro com outras canções regionais/universais;

- Relação da canção Banzeiro com obras literárias

**Ex.:** Banho de chuva – Paulo Nunes

Banho de cheiro – Eneida de Moraes

- Construção de verbetes a partir do léxico amazônico

**Ex.:** Obra de referência – Papa chibé de Raymundo Mário Sobral

- Elaboração de hipertexto;

- Produção de cartazes



**Modos de falar**

**Modos de escrever**

- Construção de mapas conceituais



- Exibição do curta-metragem “Natura”;

- Pesquisar o fenômeno da pororoca( onde e como ocorre?)

- Roda da localização;

- Composição da canção: elementos da canção (letra, ritmo, letra e harmonia);

- Leitura das produções orais e escritas;

- Produção final: exibição, apreciação e circulação da canção produzida.

### 2.1.5 - Proposta de canções para serem trabalhadas nas turmas de alfabetização.

- Pedra na mangueira / Almino Henrique
- Flor do Grão Pará / Chico Sena
- A chuva me lembrou você / Adilson Ramos
- Canoeiro / Alberto Moreno
- Ao por do sol / Ted Max
- Pescaria / Dorival Caymmi
- Tamba-tajá / Waldemar Henrique
- Indauê-tupã / Ruy Barata
- Navio Gaiola / Nilson Chaves
- Bom dia Belém / Edyr Proença
- Chegada / José Maria Villar
- Pacará / Ruy Barbosa
- Temporal / Ivan Lins
- Uirapuru / Waldemar Henrique
- Raízes / Maria Lídia
- Saudade da minha terra / Verequete
- Sereia do alto mar / Verequete
- Belém do Pará / Leci Brandão
- Lamazon / Lucinha Bastos
- Pai d'égua / Billy Blanco
- Porto Caribe / Lucinha Bastos
- Belém, Pará, Brasil / Mosaico de Ravena
- Olho de Boto / Nilson Chaves
- À la brasileira / Lucinha Bastos
- Amazônia / Nilson Chaves
- Flor do destino / Nilson Chaves
- Carimbó do Pará / Pinduca
- A dança do carimbó / Pinduca
- Quem vai ao Pará parou / Pinduca
- Garota do tacacá / Pinduca
- Boi bumbá / Waldemar Henrique
- Boto namorador / Dona Onete
- Foi boto sinhá / Waldemar Henrique
- Canto de carimbó / Fruta Quente
- Da minha terra / Nilson Chaves
- No meio do pitiú / Dona Onete
- Janela de Belém / Manga Verde
- Círios / Vital Lima
- Banzeiro/ Dona Onete
- Sabor açai / Nilson Chaves

# ALFABETIZAÇÃO À MESA

Prof. Dr. Miguel de Brito Picanço

## **DESDE UMA PERSPECTIVA QUE DESEJA OUTORGAR À BELÉM** o título de

Cidade alfabetizada e educadora, torna-se imperativo a implementação de um currículo da EJAI que, ao se permitir amazonizar, estabeleça diálogos profícuos com as múltiplas manifestações e linguagens culturais e identitárias que emaranham e modulam modos de estar e habitar nos territórios amazônicos e belenenses.

De certo, é que emaranhando e forjando essas linguagens que dão concretude aos modos particulares de viver e habitar na Amazônia paraense, particularmente em Belém, estão os modos de comer e se relacionar com as comidas que consideramos emblemáticas para o povo paraense, tais como a mandioca e seus repertórios alimentares; farinha d'água, farinha de tapioca, a tapioca, o tucupi, o chibé, os beijus, etc. Sem esquecer do açaí com farinha acompanhadas de camarão, peixe assado ou frito, aquela farofa de ovos ou charque, etc, ou ainda as frutas silvestres e do conjunto de sabores que delas derivam.

Quando reconhecemos esses repertórios alimentares, em particular a mandioca e seus derivados, como marcadores da identidade coletiva das/os estudantes da EJAI, nos ancoramos nos pressupostos teóricos e epistêmicos da antropologia da alimentação, os quais dizem que a comida é uma chave de leitura privilegiada para entender e interpretar os modos de viver de uma dada sociedade humana. Por meio dos repertórios, dos costumes e das práticas alimentares, somos levados a pensar as sociedades e as culturas humanas com todas as suas contradições, diferenças e quiçá aproximações.

Antes de prosseguir com o tema da comida, faz-se importante frisar que cultura, em termos antropológicos, diz respeito a tudo que o homem faz, e pensa que faz e como que ele representa o que faz. Ou seja, pensamos o homem como um animal cultural que simboliza.

E, nessa definição conceitual de cultura tem uma questão que é central: nós somos uma única espécie, mas forjamos diferentes culturas. É essa pluriversidade cultural que nos faz diferentes, apesar de sermos uma espécie única. E, é nesse contexto

que a alimentação torna-se central, ao funcionar como marcador dessas diferenças culturais que constituem a humanidade.

Do ponto de vista da alimentação, essas diferenças culturais são marcadas e forjadas por nossas escolhas, pela seleção que fazemos daquilo que decidimos que é bom para comermos. E, isso é tão marcante que algumas comidas podem até ser comestíveis do ponto de vista nutricional, mas em algumas sociedades aquilo que é comível em uma dada sociedade pode ser completamente rejeitada, repugnada e estranhadas em outra: o cachorro, por exemplo, não se converte em comida para nós, paraenses, já para alguns povos é um prato emblemático.

Então, diferente dos outros animais, quando comemos, não estamos apenas nos alimentando, nutrindo o corpo, satisfazendo uma necessidade que é universal: saciar a fome. Não, nós simbolizamos e ritualizamos o que comemos de tal modo que inscrevemos a comida, primeiro, em uma dimensão sociocultural, para depois a colocá-la no campo biológico e/ou nutricional.

Dito isso, torna-se necessário frisar que reconhecemos a mandioca (e seus derivados) como comidas emblemáticas de Belém, capazes de falar sobre as idiosincrasias que modulam os modos de comer e viver das/os estudantes que povoam as escolas da EJAI, funcionando assim como um arbitrário cultural, como linguagem de identidades dos sujeitos dessa modalidade de educação.

Isso posto, ressalta-se que esta proposta, que estamos chamando de “Alfabetização à Mesa”, corresponde a uma ação pedagógica que também se faz antropológica, cujo objetivo primeiro é garantir aos educandos da EJAI o acesso à leitura e a escrita da palavra, tendo a mandioca e como tema gerador do processo de alfabetização.

Considera-se importante enfatizar que a escolha pela mandioca e seus derivados justifica-se pela relevância sociocultural, econômica, religiosa e histórica que esse tubérculo tem para a constituição da sociedade paraense, (PICANÇO, 2021).

Por isso, a mandioca e as fotografias, especialmente aquelas que “falam” dos atravessamentos desse tubérculo na vida das/os estudantes da EJAI, são pensadas aqui como legítimos e promissores recursos metodológicos e pedagógicos para a alfabetização. Cabe ressaltar que a apropriação das imagens, particularmente, das fotografias como recurso pedagógico está pautada na idéia de Samaim (2012), o qual preconizou que toda imagem e quiçá toda fotografia é eminentemente antropológica, pois, além de serem portadoras de pensamento e de humanidades, também aguçam reflexividades sobre histórias, emoções, contextos, sobre modos de estar e viver no mundo.

Por isso, acreditamos que a implementação desta proposta constitui-se em uma ruptura com as práticas hegemônicas de Alfabetização, estabelecendo um profícuo diálogo com a Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987) que em suma reconhece o universo sociocultural do educando como vetor do processo de ensinar e aprender. Além disso, a efetivação desta proposta, se fará como resistência as violências simbólicas (BOURDIEU, 2006) que tem marcado as práticas pedagógicas, em particular da EJAI, cujo currículo historicamente tem priorizado as manifestações socioculturais e os modos de viver das classes dominantes e hegemônicas em detrimento das experiências das classes trabalhadoras e populares.

## 3.1 - As atividades

### 3.1.1. - 1º. Etapa: roda de conversa sobre a mandioca e sua importância e presença sociocultural na vida dos educandos.

A princípio recomendamos uma roda de conversa com a turma sobre a importância sociocultural da mandioca para a constituição, histórica, religiosa, política econômica do Brasil, da Amazônia, dos paraenses, dos belenenses e dos educandos. A roda de conversa necessita estabelecer diálogos que apontem para o lugar que a mandioca (desde a roça, as feitura dos derivados e o consumo) ocupou ou ocupa em suas histórias de vida. A/o educadora/o deve atentar para as falas e as histórias contadas, as quais devem ser registradas para posterior feitura de outras atividades pedagógicas como, por exemplo, eleger palavras comuns a todas, ou quase toda as falas: **farinha, mandioca, farinha, tapioca**, etc.

### 3.1.2 - 2ª. Etapa: a mandioca, as fotografias como mediadoras da leitura e da escrita.

- Leitura da imagem geradora.

O educador( a) deve apresentar à turma uma fotografia ou um conjunto delas, de modo que, ao dialogarem entre si, as imagens possam aguçar as memórias afetivas e gustativas das/os educandas/os e despertar-lhes sentimentos de pertencimento aos territórios amazônico, paraense e belenense. Conforme as fotografias que seguem.

## Mandioca



Fonte: Miguel Picanço.

As/os estudantes devem ser provocadas/os a observarem atentamente às fotografias e posteriormente instigadas/os com questões como: qual a personagem principal dessas fotografias, o que você vê nessa ou nessas imagens? o que elas te falam?, você se reconhece nelas, Por quê? O que você sentiu ao olhar para as imagens, te lembrou de alguma coisa?

As narrativas oriundas das leituras imagéticas precisam ser problematizadas. Ao perguntar para a turma a respeito da personagem principal das fotografias, certamente a mandioca será apontada. Então, chega o momento de apresentar-lhes a escrita e a leitura da palavra **MANDIOCA**, que já fora anunciada como legenda das fotografias anteriores.

- Leitura e escrita palavra geradora

Conforme sinalizado anteriormente, durante a apresentação e observação as/os estudantes serão levados a relacionar e reconhecer que a legenda representa a realidade observada na imagem. Em seguida a classe deve ser estimulados a ler, individual e coletivamente, a palavra **MANDIOCA**.



Aqui o educador(a) apresentará (em um cartaz, no quadro branco, etc.) a palavra **MANDIOCA**, sem a imagem e repete o processo de leituras : individual e coletiva, atentando para as/os estudantes que apresentem dificuldades em reconhecer e ler a palavra-chave. Recomenda-se que nesta etapa se anuncie a composição silábica da palavra. Neste momento a palavra-chave deve ser silabicamente separada:

**MAN-DI-O-CA**

Após a leitura e a escrita, individual e coletiva, a turma exercitará a escrita das sílabas que compõem a palavra-chave, Neste momento as/os alfabetizadas/os serão levadas/os a compreender que toda palavra é composta por sílabas e que estas são formadas por letras. Que, quando as sílabas são articuladas dão origem as palavras. Estimular a turma a reconhecer que cada letra possui sua família silábica, é o passo seguinte, como pode ser notado na palavra mandioca:

**MAN – DI- O- CA**

**MAN – MEN – MIN- MON – MUN**

**MA- ME- MI- MO- MU**

**DA – DE – DI – DO – DU**

**CA – CO – CU**

Cada sílaba da palavra-chave precisa ser atentamente lida e escrita de modo a ser percebido que, além das sílabas comuns, na palavra mandioca existem sílabas que são diferentes, como por exemplo, a sílaba **MAN**. Esses casos atípicos devem ser, ainda que de modo introdutório, trabalhados com a turma. Nesta fase, se faz necessário tornar notório que existe um alfabeto composto por 26 letras - consoantes e vogais - o qual, ao ser apresentado possibilite o reconhecimento das letras que formam a palavra mandioca. Aqui se deve reconhecer as vogais e as consoantes presentes na palavra.

Por fim, devem-se estimular a combinação das sílabas da palavra mandioca, de modo que possam descobrir novas palavras resultantes dessas combinações. Por exemplo, recomenda-se perguntar para a turma: qual outra comida se inicia escrevendo

com a letra **M**, ou com a sílaba **MA**, ou com outra sílaba da família do **M** e com a letra **D**, ou com as famílias silábicas desta letra e com a letra **C** e suas famílias.

### **3.1.3 - 3ª. Etapa: curiosidades e atravessamentos da mandioca na vida brasileira e paraense.**

Estabelecer conversações e atividades com a turma para que percebam, por exemplo:

- Que existem mais de 100 espécies de mandioca e que dessas, 80 são brasileiras;
- Que dentre essas espécies existem as mandiocas bravas (que contêm o ácido cianídrico) e as mansas (aquelas domesticadas pela natureza, como a macaxeira);
- Que existe uma sabedoria milenar e ancestral, herdada dos povos originários, que foi e é capaz tornar a mandioca brava própria ao consumo humano;
- Que a mandioca é a mais importante herança alimentar herdada, pela humanidade, do antigo povo neotrópico;
- Que existem algumas lendas, nas quais a mandioca é protagonista: MANI
- Que o estado do Pará é o maior produtor de derivados da mandioca com centralidade para a farinha de mesa;
- Que aproximadamente 93% dessa produção deriva da agricultura familiar
- Que há mais de 600 mil mandiocultores paraenses;
- Que anualmente a produção de mandioca fomenta uma cifra de aproximadamente três milhões de reais

A título de finalização desta primeira proposta, sugere-se que seja encaminhada a seguinte atividade a ser feita em casa: orientar as/os estudantes que observem e perguntem para seus familiares, seus vizinhos e seus conhecidos sobre as comidas derivadas da mandioca e entre elas apontem aquelas que são mais consumidas pelos paraenses, particularmente pelos belenenses. A aula seguinte começará com a apresentação e discussão dos resultados dessa pesquisa.

## 3.2 - 2ª. Atividade: sobre o tipiti

### 3.2.1 - 1ª. Fase

Esta etapa iniciar-se-á como uma roda de conversa, na qual as/os estudantes relatarão o resultado da pesquisa encaminhada na aula anterior. Certamente entre os relatos aparecerão a farinha d'água, a farinha de tapioca, o chibé, a tapioca, a goma, o tucupi, o pato no tucupi, a maniçoba, a macaxeira, etc. Ao escutar atentamente as falas, a/o educadora(o) problematizará sobre a importância e a presença dessas comidas nas vidas, nas histórias e nas memórias das/os estudantes. Algumas questões devem ser levantadas: qual dessas comidas mais agrada o seu paladar? Qual ou quais delas é ou são mais frequentes em sua casa? Em que frequência você come essa ou aquela? Onde e ou de quem você compra essas comidas?.

A intenção primeira neste momento é fomentar as memórias afetivas e gustativas das/os estudantes, de maneira que suas experiências com essas comidas sejam reconhecidas em suas histórias de vida.

Recomenda-se que a pauta da conversa seguinte se debruce sobre os processos que culminam com a feitura dessas iguarias, destacando que o **TIPITI** ocupa lugar fulcral nesses processos. Após isso, um convite à turma: a observar a legenda e imagem que seguem.

## **TIPITI**



**Fonte:** Miguel Picanço.

### **3.2.2 - 2ª. Fase. Leitura e escrita palavra geradora**

Durante a apresentação e observação as/os estudantes serão levados a relacionar e reconhecer que a legenda representa a realidade observada na imagem. Em seguida a classe deve ser estimulados a ler, individual e coletivamente, a palavra **TIPITI**.

Aqui, sugerimos que A/o educadora/o apresente (em um cartaz, no quadro branco, etc.) a palavra **TIPITI**, sem a imagem. As leituras, individual e coletiva, se repetem, de modo que a/o educador atente para os avanços e dificuldades da turma em reconhecer e ler a palavra geradora. Nesta etapa, já deve ser anunciado que a palavra **TIPITI** é composta de três sílabas.

Agora a palavra-chave deve ser esmiuçada, separada em sílabas:

**TI -PI -TI**

Após novos processos de leitura das sílabas e da palavra geradora, deve ser compreendido pela classe que toda palavra é composta por sílabas que estas são compostas por letras e quando as sílabas são articuladas dão origem as palavras e que cada letra possui sua família silábica, como pode ser notado na palavra Tipiti:

**TA – TE – TI – TO – TU**

**PA – PE- PI- PO – PU**

Cada sílaba da palavra-chave precisa ser atentamente lida e escrita. Por fim, sugere-se que as/os estudantes sejam convidados a combinar as sílabas da palavra-geradora, de modo que possam descobrir novas palavras resultantes dessas combinações. Por exemplo, a/o educadora/o pode perguntar para a turma qual outra comida a escrita começa com a letra **T**, ou com a sílaba **TA**, ou com outra sílaba da família do **T** e coma a letra **P**.

Então, a título de finalização desta proposta, sugere-se que a/o educadora/o apresente para a turma a música de Dona Onete, cujo título é **TIPITI**. Eis a música no que segue.

## TIPITI

Arranca a mandioca  
Coloca no aturá  
Prepara a sororoca  
Tem mandioca pra ralar

Oh, prepara a peneira  
Joga na masseira  
Pega no tipiti  
Pra tirar o tucupi

Fiz meu retiro na beira do Igarapé  
Fica melhor pro poço da mandioca  
Fiz meu retiro na beira do Igarapé  
Fica melhor pro poço da mandioca

De arumã ou tala de mirití  
Mandei descer o famoso tipiti  
De arumã ou tala de mirití  
Mandei descer o famoso tipiti

Tipiti, piti, piti, piti, piti, piti  
De arumã ou tala de mirití  
Tipiti, piti, piti, piti, piti, piti  
De arumã ou tala de mirití

Pega no ralo, moreno!  
Na mandioca, morena!  
Pega na massa  
Espreme no tipiti

Pega no ralo, moreno!  
Na mandioca, morena!  
Pega na massa  
Espreme no tipiti

No balanço da peneira  
No jogo do tipiti  
Sai a crueira  
E o gostoso tucupi

(, Dona Onete, TIPITI. Album Banceiri)

Depois de ouvir a música a turma deve ser motivada a encontrar na letra da canção, por exemplo, as palavras **TIPITI**, **MANDIOCA**, **CRUEIRA**, dentre outras. Essas devem fomentar a criação de outras palavras, frases e textos.

Estimados e estimadas Educadores(as), como é sabido o repertório alimentar que deriva da mandioca é vasto e atravessa a vida dos belenses desde o café da manhã até o jantar. Por isso, sugerimos que além das propostas de atividades supramencionadas, os educadores e educadoras elaborem outras propostas a partir das imagens, música e palavras, que seguem:

### **A casa do forno**



*Créditos: Miguel Picanço*

## O pução



*Créditos: Miguel Picanço*

## A peneirar a massa



*Créditos: Miguel Picanço*



**A mão de pilão na massa**



*Créditos: Miguel Picanço*

**Tucupi**



*Créditos: Miguel Picanço*

**Pato no tucupi**



*Créditos: Miguel Picanço*

**Goma**



*Créditos: Miguel Picanço*

## **Tapioca**



*Créditos: Miguel Picanço*

## **Farinha**



*Créditos: Miguel Picanço*

## Baguda



*Créditos: Miguel Picanço*

### **Zouk da Farinha (Almirzinho Gabriel)**

De bucho inchado e farinha d'água  
A vizinha do lado tufou de chibé  
Minha vizinha de bucho quebrado  
É na boca farinha, na venda rapé  
Se é pra tirar o capeta, é farinha  
Se é pra virar carrapeta, é farinha  
No ensopado de osso, na janta, no almoço  
De quebra é farinha, é chibé  
Sei lá de quando a vizinha não sabe  
O que é de manhãzinha ter pão com café  
Se quer sustança, o que tem é farinha  
Se é na lembrança, o que vem é farinha

De quando em vez a panela se enfeita  
Aí se ajeita a goela pra festa que der  
Vez que é vez passa e a vizinha se deita  
Sonhando a novela, vivendo o chibé  
A vida dela foi toda farinha  
E a esperança da minha vizinha  
Minha vizinha comeu com farinha

## Referências

ALTENFELDER, Anna Helena e CLARA, Regina Andrade. Se bem me lembro. São Paulo Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília, DF: MEC, 2008.

BOURDIEU. Poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei Nº 9394, de 26 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

FERREIRA, Martins. Como usar a música na sala de aula. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FONSECA, Mirella Villa de Araujo Tucunduva da. Escolarização de Jovens e Adultos com deficiência: versões e inserções. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011 politicas/336-2011.pdf>. acesso em 13 de Abril de 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. Concepção dialética da educação: um estudo introdutório. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Silva. R. K., & Calado, J. F. (2020). O resistir e reexistir das populações tradicionais e extrativistas no Território Amazônico Amapaense. REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental, 37(4), 28–43. <https://doi.org/10.14295/remea.v37i4.11376>.

LAROSA, Jorge & ZARA, Maria Pérez de. Imagens do outro. Petrópolis: Vozes, 1998.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Memória, História, Historiografia. São Paulo : Marco Zero,1993.

NÓVOA, Antônio(org). Vida de professores. Porto: Cortez , 1992.

PAULILO, Maria Ângela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida, 2006.

PICANCO, Miguel de Nazaré Brito. Comida cabocla: uma questão de identidade na Amazônia; desde uma perspectiva fotoetnográfica. Belém: Paka-Tatu, 2021.

QUEIROZ , Pereira De, M.I. (1988) - Relatos Orais: Do Indizível ao Dizível. In: von Simon, O.M. (org.) - *Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice.

SAMAIN, Etiene. Como pensam as imagens. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Estética de Platão a Peirce**. 2. ed. São Paulo: Experimento, 2000.

SANTOS, Antonio César. Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida, 2006.

SEKEFF, Maria de Lourdes. Da Musica: Seus Usos e Recursos, Editora Unesp, São Paulo-SP 2007.

Segundo Freire (2000, p.42), as histórias de vidas, dos sujeitos da EJAI...

“Se caracterizam pelas lutas diárias, marcada pela falta de chão, pela dor da exploração, pela infância roubada, por direitos violados, pela falta da perspectiva, pelo descaso do poder público, pela busca de condições mínimas de sobrevivência, mas acima de tudo, marcada pela luta de homens e mulheres para alcançar o sonho de melhores condições de vida que criam múltiplas estratégias de sobrevivências, encontrando, especialmente na arte de dizer, cantar, criar, sorrir, lutar, driblar, enfim, no fazer cotidiano, formas de sobreviver em meio a situações mais adversas”.

